

ARTES PLÁSTICAS José Roberto Teixeira Leite

A CRERCA da cisão recentemente irrompida no seio da crítica de arte brasileira, com a cisão, por cinco críticos de arte...

Antônio Bento, presidente da ABCA:

Cisão tem aspecto contestatório

milos nas exposições. O nosso ilustre colega é velho amigo Mário Barata, que tanto se havia empenhado...

Dois. Seria quando muito uma manifestação convencional e nunca uma nova concepção de crítica.

Sim, de agradecimentos aos que possibilitaram a Semana da Crítica, principalmente a Banca...

Como recebe você o movimento? Com um certo espírito filosófico e aberto ao diálogo, pois até nos propusemos fazer um simpósio...

ARTES PLÁSTICAS José Roberto Teixeira Leite

Antes de entrevista concedida a essa coluna pelo crítico Antônio Bento, presidente da Associação Brasileira de Crítica de Arte...

ROBERTO PONTUAL: ABCA é academia estéril

EM ENTREVISTA concedida recentemente a José Roberto Teixeira Leite, nesta coluna redigida em 2 de fevereiro último, Antônio Bento...

No entanto, à custa de extremo esforço e contra obstrução que não era nossa, como nos acusa Bento...

Queremos superar o círculo vicioso da atuação crítica restrita no meio Rio-São Paulo, partindo para o conhecimento amplo do que se propõe e se faz em outros setores...

ROBERTO PONTUAL

CENTRO BRASILEIRO DE CRÍTICA DE ARTE – CBCA*

Organização: Fernanda Lopes

crítica de arte Centro Brasileiro de Crítica de Arte
Associação Brasileira de Críticos de Arte Brasil 1970

Este dossiê reúne pela primeira vez textos sobre a criação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte a partir de uma dissidência da Associação Brasileira de Críticos de Arte. Aqui estão algumas das matérias publicadas em 1972, revelando a discussão que se seguiu na imprensa a partir dessa cisão. De um lado, os integrantes da ABCA – José Roberto Teixeira Leite, Walmir Ayala e Antonio Bento – do outro, integrantes do CBCA – Frederico Moraes, Roberto Pontual, Mario Barata e Waldemar Cordeiro. O Centro Brasileiro da Crítica de Arte teve vida curta e, apesar de contribuir para as discussões que se instalaram desde 1967 sobre o papel da crítica de arte no Brasil, acabou não promovendo ações efetivas.

“ABCA é academia estéril”, disse o crítico Roberto Pontual em entrevista a José Roberto Teixeira Leite publicada em *O Globo*, em fevereiro de 1972 (reproduzida aqui). Ao lado de Frederico Moraes, Mario Barata, Waldemar Cordeiro e Maria Eugênia Franco, Pontual fez parte do grupo de críticos que, descontentes com a atuação da Associação Brasileira de Críticos de Arte, fundou naquele ano o Centro Brasileiro de Crítica de Arte. O novo grupo não queria distribuir prêmios de excelência, como professores promulgando notas, mas, sim, propor trabalho, atividade, criatividade, presença, caminho, debate.

“Uma nova arte exige uma nova crítica”, resumiu Frederico Moraes, no artigo *Velha crítica e arte brasileira* (publicado em *O Globo* de 8 de fevereiro de 1972, reproduzido aqui). “Nova crítica” era expressão que Frederico Moraes já vinha usando desde

This dossier brings together for the first time texts about the creation of the Brazilian Art Review Center (CBCA) after a disagreement with the Brazilian Art Critics Association (ABCA). Here some of the articles published in 1972 describe the debate that followed in the press after this split. On one hand, ABCA members – José Roberto Teixeira Leite, Walmir Ayala and Antonio Bento – and on the other, CBCA members – Frederico Moraes, Roberto Pontual, Mario Barata and Waldemar Cordeiro. The Brazilian Art Review Center was short-lived and, although it contributed to the discussions raised since 1967 on the role of art reviews in Brazil, failed to produce any effective actions. | art review Brazilian Art Review Center Brazilian Art Critics Association Brazil 1970

*Antonio Bento, presidente da ABCA: Cisão tem aspecto contestatório” *O Globo*, 02 de fevereiro de 1972

“Roberto Pontual: ABCA é academia estéril” *O Globo*, 11 de fevereiro de 1972

1970, quando a Petite Galerie, no Rio de Janeiro, realizou uma série de três exposições individuais – de Thereza Simões, Cildo Meireles e Guilherme Vaz – intitulada *Agnus Dei*. Em vez de escrever um texto crítico sobre as mostras, Morais realizou uma quarta exposição, também na Petite Galerie, em 18 de julho de 1970, a que deu o nome de *A nova crítica*.

“Faz-se necessária uma profunda revisão do método crítico. Crítica poética. Não há mais obra. Não é mais possível qualquer julgamento. O crítico hoje é um profissional inútil”,¹ defendeu, trazendo para a discussão uma proposta de reformulação do papel exercido pela crítica de arte diante da decadência dos valores cristalizados da arte moderna. O texto crítico como um manual para a compreensão de uma obra seria deixado de lado em favor de outro, estimulador do potencial criativo das proposições artísticas. “A arte é por excelência contradição, e o papel do crítico deveria ser o de agravar estas contradições.”

Discussões em torno da crítica de arte (sua prática e seus critérios) já se apresentavam no IV Salão de Brasília, de 1967, quando Nelson Leirner mandou para a seleção do salão um porco empalhado, que acabou sendo aceito pelo júri, composto por Frederico Morais, Clarival Valladares, Mario Barata, Walter Zanini e Mário Pedrosa. Em 21 de dezembro de 1967, o artista publicou no *Jornal da Tarde* (SP) uma nota com o título *Qual o critério?*, na qual lançava a pergunta: “Qual o critério dos críticos para aceitarem esse trabalho no Salão de Brasília?”. A partir daí, seguiu-se uma série de artigos, assinados por críticos que fizeram parte do júri e por outros, discutindo a atitude do artista e os critérios de seleção, resultando no que ficou conhecido como “happening da crítica”.

Foi também buscando alternativas para a produção e para a crítica de arte que foi criada a *Ma-*

lasartes. Com apenas três números, editados entre setembro de 1975 e junho de 1976, a revista “tomava para si a função de analisar a realidade contemporânea da arte brasileira e de apontar alternativas”.² Eram seus editores os artistas Carlos Vergara, Carlos Zilio, Cildo Meireles, José Resende, Luiz Paulo Baravelli, Rubens Gerchman e Waltercio Caldas, o crítico de arte Ronaldo Brito, além do poeta e letrista Bernardo Vilhena.

Todas essas iniciativas têm em comum o que parece ser o motor de boa parte da produção e das discussões dos anos 70 no Brasil: uma vontade ou mesmo necessidade de questionamento de categorias, ideias, comportamentos, papéis e leituras estabelecidas, reconhecidas como legítimas não só dentro do campo da arte, mas também nas esferas social, política e econômica. Colocava-se em dúvida o papel da crítica e do crítico de arte, assim como da obra de arte, do artista, da instituição e do ensino da arte. O Centro Brasileiro da Crítica de Arte teve vida curtíssima e na realidade não promoveu ações efetivas, mas recuperar a discussão que se instalou a partir de sua criação com textos de participantes do CBCA e da ABCA parece ser interessante para esta edição da *Arte & Ensaios*, dedicada à crítica de arte.

[Folha de S. Paulo, 26 de janeiro de 1972]

Críticos divergem e fundam novo órgão

(da sucursal do Rio)

Uma dissidência manifestou-se ontem na Associação Brasileira de Críticos de arte. “Por considerar que externamente a Associação Brasileira de Críticos de arte, sobretudo nos últimos anos, não assumiu seu papel vitalizador na arte brasileira e que internamente não tem propiciado diálogo amplo e criador entre seus membros”, os críticos Frederico Morais, Mario Barata, Roberto Pontual (do

Rio), Waldemar Cordeiro e Maria Eugênia Franco (de São Paulo), resolveram desligar-se da associação e fundar uma nova entidade, já batizada de Centro Brasileiro de Crítica de Arte.

A decisão foi tomada numa reunião extraordinária dos dissidentes que elaboraram um documento posteriormente entregue ao presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, Antonio Bento, logo após o almoço comemorativo dos 20 anos da entidade. A íntegra do manifesto de fundação do Centro Brasileiro de Crítica de arte é a seguinte: “Nos últimos vinte anos, a ampliação da infraestrutura material na organização da atividade artística – museus, galerias, mostras internacionais, publicações, simpósios, escolas superiores e intercâmbio – possibilitou maior envolvimento da arte com os outros setores da vida e da ciência. Daí o caráter operacional e interdisciplinar da arte atual”.

“Esta problemática confere à crítica – entendida fundamentalmente como relacionamento e diálogo – uma nova dimensão, tornando-a responsável direta no processo da criação. A crítica atua, assim, no cerne da obra de arte, ampliando e multiplicando os seus significados.”

UM MESMO ATO

Continua o documento: “Se, por um lado, a arte, em suas manifestações mais recentes, fazendo uso de novos suportes, inclusive tecnológicos, se torna essencialmente uma arte-crítica, por outro lado o crítico, abandonando o distanciamento anterior que dava à sua atuação caráter judicativo e autoritário, passa a desenvolver efetivamente uma crítica-arte, dentro das condições da mais ampla diversificação de vetores de desenvolvimento, inclusive teóricos. Criar e criticar constituem hoje um mesmo ato.”

“No momento em que a crítica não consegue acompanhar essa nova infraestrutura material e não se dá conta de seu papel vital de acelerador

da atividade artística, ela se marginaliza e freia essa mesma atividade, na medida em que encara o novo com olhos velhos. Por considerar que, externamente, a Associação Brasileira de Críticos de Arte, sobretudo nos últimos anos, não assumiu seu papel vitalizador na arte brasileira, e que internamente não tem propiciado diálogo amplo e criador entre seus membros, os signatários deste documento decidiram dela desligar-se, vinculando-se apenas à Associação Internacional de Críticos de Arte, em sua seção livre.”

Finaliza o manifesto: “Tal decisão significa um compromisso com a atividade crítica posta em prática conforme as exigências específicas do momento atual. É com esses objetivos gerais que, simultaneamente, fundamos o Centro Brasileiro de Crítica de Arte, aberto a todos os críticos que se integrem neste movimento”.

[*Diário de Notícias*, 27 de janeiro de 1972]

Crítica de arte no Brasil

Frederico Morais

“Nos últimos vinte anos”, argumentam os cinco críticos no seu manifesto, “a ampliação da infraestrutura material na organização da atividade artística – museus, galerias, mostras internacionais, publicações, simpósios, escolas superiores e intercâmbio – possibilitou maior envolvimento da arte com os outros setores da vida e da ciência. daí o caráter operacional e interdisciplinar da arte atual.”

“Esta problemática confere à crítica – entendida fundamentalmente como relacionamento e diálogo – uma nova dimensão, tornando-a responsável direta no processo da criação. A crítica atua, assim, no cerne da obra de arte, ampliando e multiplicando os seus significados.”

“Se, por um lado, a arte, em suas manifestações mais recentes, fazendo uso de novos suportes,

inclusive tecnológicos, se torna essencialmente uma arte-crítica, por outro lado o crítico, abandonando o distanciamento anterior que dava à sua atuação caráter judicativo e autoritário, passa a desenvolver efetivamente uma crítica-arte, dentro das condições da mais ampla diversificação de vetores de desenvolvimento, inclusive teóricos. Criar e criticar constituem hoje um mesmo ato.”

CENTRO DA CRÍTICA

Os três tópicos acima constam do documento de fundação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte – ocorrida na última terça-feira. A nova entidade surge polemicamente no segundo dia da Semana Comemorativa do 20º aniversário de criação da Associação Brasileira de Críticos de Arte, a qual se desenvolve monótona e melancolicamente. Com efeito, a antiga diretoria, que justamente marginalizou a entidade do verdadeiro processo criador da arte brasileira por seu comportamento acadêmico, foi reeleita. Duas semanas antes, a entidade concedera o prêmio da crítica a Di Cavalcanti – um prêmio que vem com 50 anos de atraso, ou pelo menos 20, já que depois de 1950 o artista nada fez de significativo. Mas o próprio artista, surpreendendo a diretoria da ABCA, recusou o prêmio – não se sabe bem por que razões, desautorizando a entidade a vincular seu nome a qualquer solemnidade relativa à Semana da Crítica. No mesmo dia da reeleição da diretoria, foi eleito “crítico do ano” justamente aquele que nada fez, seja como organizador da arte, seja como teórico. O crítico escolhido, autor de alguns livros sobre história da arte, prepara há vários anos um dicionário de arte. Que se aguardasse, pelo menos, a sua publicação. Tanto a reeleição da diretoria como a escolha do crítico se fazem como nas vezes anteriores e em todos os momentos graves, na base dos votos por procuração – o que afasta o diálogo. Na base do fato consumado elimina-se o livre debate

das ideias. Ora, o exercício da crítica é justamente esse – discutir.

Foi “por considerar que, externamente, a Associação Brasileira de críticos de Arte, sobretudo nos últimos anos, não assumiu seu papel vitalizador na arte brasileira, e que, internamente, não tem propiciado diálogo amplo e criador entre seus membros”, que os fundadores do Centro Brasileiro de Crítica de Arte, todos eles sócios da Associação Internacional de Críticos de Arte, desligaram-se da seção nacional, vinculando-se doravante à seção livre da AICA.

COMPROMISSO

Os signatários do documento afirmam que sua “decisão significa um compromisso com a atividade crítica posta em prática conforme as exigências específicas do momento atual”, conscientes de que se “a crítica não consegue acompanhar essa nova infraestrutura material e não se dá conta de seu papel vital de acelerador da atividade artística, ela se marginaliza e freia essa mesma atividade, na medida em que encara o novo com olhos velhos”.

Os contatos com todos os críticos interessados na vitalização do processo criador da arte brasileira já estão sendo mantidos em vários estados simultaneamente com os preparativos de realização de um Seminário sobre a situação da arte e da crítica no Brasil.

[*Jornal do Brasil*, 28 de janeiro de 1972]

Críticos de arte abandonam Associação decepcionados e fundam sua nova entidade

Um grupo de críticos de arte liderados por Frederico Moraes rompeu com a Associação Brasileira de Críticos de Arte e fundou seu próprio centro, por não reconhecer na entidade a que pertenciam “a

dinâmica e o papel vitalizador necessários a um órgão do gênero, diante das novas propostas e manifestações artísticas surgidas ultimamente”.

A decisão significa, segundo o manifesto divulgado durante as últimas eleições da Associação Brasileira de Críticos de Arte, “um compromisso com a atividade crítica posta em prática conforme as exigências específicas do momento atual”. O novo Centro Brasileiro da Crítica de Arte passa a fazer parte, como membro dissidente, da Associação Internacional de Críticos de Arte.

MANIFESTO

O manifesto de rompimento e de decisão de fundação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte foi lançado depois de terem os críticos dissidentes tentado conseguir na ABCA uma eleição tampão, visando manter o atual presidente por um período temporário apenas, com vistas à colocação de um representante do grupo na direção do órgão, mais tarde.

O documento, assinado por Frederico Morais, Maria Eugênia Franco, Mario Barata, Roberto Pontual e Waldemar Cordeiro, mas que posteriormente ganhou mais 15 signatários, é o seguinte:

“Nos últimos vinte anos, a ampliação da infraestrutura material na organização da atividade artística – museus, galerias, mostras internacionais, publicações, simpósios, escolas superiores e intercâmbio – possibilitou maior envolvimento da arte com os outros setores da vida e da ciência. Daí o caráter operacional e interdisciplinar da arte atual.

“Esta problemática confere à crítica – entendida fundamentalmente como relacionamento e diálogo – uma nova dimensão, tornando-a responsável direta no processo da criação. A crítica atua, assim, no cerne da obra de arte, ampliando e multiplicando os seus significados.

“Se, por um lado, a arte, em suas manifestações mais recentes, fazendo uso de novos suportes,

inclusive tecnológicos, se torna essencialmente uma arte-crítica, por outro lado o crítico, abandonando o distanciamento anterior que dava à sua atuação caráter judicativo e autoritário, passa a desenvolver efetivamente uma crítica-arte, dentro das condições da mais ampla diversificação de vetores de desenvolvimento, inclusive teóricos. Criar e criticar constituem hoje um mesmo ato.

PAPEL VITAL

“No momento em que a crítica não consegue acompanhar essa nova infraestrutura material e não se dá conta de seu papel vital de acelerador da atividade artística, ela se marginaliza e freia essa mesma atividade, na medida em que encara o novo com olhos velhos.

Por considerar que, externamente, a Associação Brasileira de Críticos de Arte, sobretudo nos últimos anos, não assumiu seu papel vitalizador na arte brasileira, e que internamente não tem propiciado diálogo amplo e criador entre seus membros, os signatários deste documento decidiram dela desligar-se, vinculando-se apenas à Associação Internacional de Críticos de Arte, em sua seção livre”.

Finaliza o manifesto: “Tal decisão significa um compromisso com a atividade crítica posta em prática conforme as exigências específicas do momento atual. É com esses objetivos gerais que, simultaneamente, fundamos o Centro Brasileiro de Crítica de Arte, aberto a todos os críticos que se integrem neste movimento”.

O presidente da Associação Brasileira dos Críticos de Arte – de onde se retiraram os signatários do documento e, mais tarde, mais 10 críticos – disse que, apesar de lamentar a retirada dos colegas da ABCA, reconhece que “o movimento foi e será um benefício à arte”.

[O *Globo*, 02 de fevereiro de 1972]

Antonio Bento, presidente da ABCA: Cisão tem aspecto contestatório

por José Roberto Teixeira Leite

Acerca da cisão recentemente irrompida no seio da crítica de arte brasileira, com a criação por cinco críticos de arte – Frederico Morais, Roberto Pontual, Waldemar Cordeiro, Maria Eugênia Franco e Mario Barata – do Centro Brasileiro de Crítica de Arte, ouvimos nosso confrade Antonio Bento de Araújo Lima, presidente recentemente reeleito da Associação Brasileira de Críticos de Arte (da qual foi um dos fundadores, em 1952), com vários anos de jornalismo artístico militante em jornais cariocas, autor dos livros *Manet no Brasil e Ismael Nery* (esse, a aparecer ainda em 1972).

Como caracterizaria o movimento de cisão irrompido no exato momento em que se comemora, com uma Semana da Crítica, o vigésimo aniversário de Fundação da Associação Brasileira de Críticos de Arte?

O movimento agora iniciado por um grupo de dissidentes da ABCA é de caráter tipicamente contestatório, como esteve em uso nos últimos anos na Europa, nos Estados Unidos e em outros países. Só que chegou aqui um pouco atrasado, pois até os jovens anarquistas já deixaram de parte esses métodos. E também é singular, pois não se trata propriamente de jovens críticos: alguns já são sócios veteranos e um até foi um dos fundadores do concretismo no Brasil, há cerca de vinte anos.

Como recebe você o movimento?

Com um certo espírito filosófico e aberto ao diálogo, pois até nos propusemos fazer um simpósio indicado por eles, nos próximos meses, quando fosse oportuno, para a reformulação dos estatutos da ABCA, que eles julgam anacrônicos. Como você deve ter visto na assembleia extraordinária da ABCA, as propostas de nossos colegas dissidentes

eram de pura contestação. Manifestaram-se contra a eleição convocada e feita na conformidade dos estatutos. Outra proposta queria levar a sede da nossa associação para São Paulo, objetivo que também não encontra apoio nos estatutos, os quais determinam que a sede de nosso órgão de classe é no Rio. Já duas entidades irmãs, criadas também sob os auspícios da UNESCO (as associações de Artistas Plásticos e de Museus) têm suas sedes na capital paulista. Convém que pelo menos a dos críticos permaneça na Guanabara. E nisso nos empenhamos, com o maior interesse, a fim de evitar o esvaziamento cultural do Rio de Janeiro, após a mudança total, já próxima, de todos os órgãos do Governo Federal para Brasília. Queriam ainda os dissidentes paulistas que tivéssemos feito um boicote contra a Bienal de São Paulo.

Levando seu propósito contestatório às últimas consequências, manifestaram-se ainda os dissidentes contra a Semana da Crítica, organizada como um movimento de confraternização dos nossos colegas brasileiros. Foram contra os prêmios da Crítica, num gosto de imitação acadêmica dos jovens artistas europeus que em 1968, em Veneza, se manifestaram contra os prêmios nas exposições. O nosso ilustre colega e velho amigo, Mario Barata, que tanto se havia empenhado há algumas semanas em dar esse prêmio a Walter Zanini, conseguindo até adiar, na reunião da ABCA, de 11 de janeiro, a decisão do prêmio, no dia destinado à respectiva votação, depois se manifestou inesperadamente contra o mesmo, assumindo também uma atitude de contestação. Aliás, os gestos de obstrução e tumulto foram numerosos durante a assembleia, o que nos levou a ponderar que os dissidentes não queriam fazer a eleição e sim dar um golpe. A essa mesma conclusão chegou a maioria dos nossos colegas presentes à longa assembleia realizada na última semana.

Não foi apresentada outra chapa?

Infelizmente isso não foi feito, pois dessa forma seria mais democrática a competição. A grande maioria dos membros votantes se pronunciou a favor da reeleição da diretoria, que ficou assim constituída: Presidente, Antonio Bento; vice-presidente (Rio), José Roberto Teixeira Leite; vice-presidente (São Paulo), Wolfgang Pfeiffer; secretária, Rute Laus; tesoureira, Carmem Portinho.

O manifesto divulgado pelo grupo dissidente acusa que a ABCA vê “as coisas novas com olhos velhos”. Como encara essa acusação?

É uma acusação injusta, pois a vanguarda brasileira é sempre importada do Velho Mundo e dos Estados Unidos.

De modo que os críticos da ABCA que viajam para o exterior veem sempre a arte tecnológica, a pop, a arte conceitual, a povera e as demais projeções acadêmicas de Dada no estrangeiro, antes que transpostas ou realizadas no Brasil. Quanto às novas concepções da crítica, duvido que os dissidentes as conheçam em suas últimas modalidades, sejam de caráter sociológico, associadas à informática ou à ciência prospectiva.

Em relação ao crítico mais avançado do Brasil, creio que continua sendo o nosso velho amigo Mario Pedrosa, e não qualquer dos dissidentes. Lamentamos muito, mas não podemos considerar, por exemplo, como nova modalidade de crítica uma exposição de caixas de Coca-Cola. Seria quando muito uma manifestação promocional e nunca uma nova concepção de crítica.

Porém existe uma crise da arte e da crítica.

Existe, e uma coisa depende da outra. A arte está dia a dia mais mutável e perecível na sociedade de consumo e sua crise reflete-se sobre a AICA e seus trabalhos. Muitos críticos, temendo ser apontados como atrasados, passam a aceitar ou elogiar indis-

criminadamente todas as extravagâncias, mesmo as que não são consumidas. Outros querem que o grande público passe a fazer arte na vida cotidiana. Ora, o grande público trabalha e vive dificilmente, pouco se interessando pelas artes plásticas, que sempre foram consumidas por uma minoria.

Esse é o drama da grande maioria dos artistas plásticos ou visuais de nossa época, cuja produção simplesmente não é consumida. Por isso, foi tentada aqui a repetição de *happenings* como os que fez Hélio Oiticica em Londres, com crianças pulando e moldando formas na areia, rasgando papéis e brincando com cordões. Não houve nessas manifestações, chamadas de criatividade, nada de original. Foram repetições de coisas já feitas, de antiarte, provindas de Dada. É tudo velho e imitado, como o foi o filme inspirado na exposição de bobinas, que Lone Saldanha realizou há pouco, com sucesso e espírito criativo, no MAM. É claro que a crítica brasileira, que tem informações colhidas no exterior, não pode ver com “olhos novos” essas repetições de coisas já feitas e refeitas em outros países.

E quanto à acusação de que a ABCA acha-se cerrada ao diálogo?

Não é verdadeira. A ABCA, muito ao contrário, acha-se aberta a todas as propostas construtivas, partidas de qualquer dos nossos confrades. Recebemos de braços abertos todas as colaborações. Só não queremos contestações inúteis. Aliás, o trabalho da ABCA é essencialmente de caráter coletivo e não apenas de sua diretoria, que não pode trabalhar sem a colaboração de todos.

Alguma outra declaração?

Sim, de agradecimento aos que possibilitaram a Semana da Crítica, principalmente ao Banco Denasa de Investimentos e Companhia IBM do Brasil, H. Burtle Marx e H. Stern Joalheiros, que proporcionaram fundos e troféus aos prêmios da

crítica; ao adido cultural da Embaixada Argentina, nosso ilustre colega Rubem Vela, membro da AICA, pelo almoço de confraternização que nos ofereceu no MAM; a essa entidade também somos gratos pela exibição de filmes de arte, feita durante a Semana da Crítica; à nova diretora do Museu da Imagem e do Som, Neusa Fernandes, pelo depoimento que prestamos em companhia de Quirino Campofiorito e Mario Barata e pela cessão do auditório para a realização de palestras de nossos colegas Teixeira Leite e Vera Pacheco Jordão; aos caros amigos Franco Terranova, Giovanna Bonino, Stela Eurico Cruz e, numa palavra, a quantos nos deram sua colaboração durante a Semana da Crítica.

[O *Globo*, 8 de fevereiro de 1972]

Velha crítica e arte brasileira

Frederico Morais

Todo o país comemora este ano o cinquentenário do movimento modernista de 1922. As mais ilustres figuras da cultura brasileira depõem sobre a importância e as repercussões posteriores da “Semana”, verdadeiro grito de independência cultural. Muitos depoentes, entretanto, lembram que a grande “festa” modernista foi apontada como uma forma de “bolchevismo cultural”. Dez anos depois, a mais famosa escola de arte deste século, a Bauhaus, foi fechada pelos nazistas com a mesma acusação: “covil de bolchevismo cultural”. Aparentemente, as coisas não mudaram muito e as comemorações dos 50 anos do modernismo no Brasil não afastaram o academismo rançoso dos passadistas. A velha crítica continua de dedo em riste. Miliciano. Incapacitado de dar respostas aos novos problemas colocados pela arte atual, devido justamente à caducidade de seus critérios de julgamento. Ao invés de discutir os problemas concretos sobre a situação atual da arte e da crítica de arte, tal como foram colocados no documento de

fundação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte, hoje o núcleo da velha crítica tem atuado como verdadeiros milicianos, vendo em todas as tentativas de renovação atos contestatórios. Fugindo ao debate das coisas essenciais, por cegueira cultural, mas também por omissão, ficam na superfície dos acontecimentos, assustados, partindo então para acusações tolas, repetições monótonas de velhos chavões. Tome-se como exemplo a recente entrevista que o presidente da ABCA, sr. Antônio Bento, concedeu ao colunista José Roberto Teixeira Leite.

CONFORMISMO

Roland Barthes já notara, em *Critique et Verité*, o conformismo da velha crítica, suas ligações com o poder dominante. Ela sempre atuou como diluidora das ideologias oficiais. No Brasil, entretanto, a velha crítica tem sido estranha colagem de oficialismo e pessimismo. Neste particular ela contradiz justamente o pensamento oficial, que é de franco otimismo e de confiança absoluta na capacidade de realização do homem brasileiro. A velha crítica prima pelo adesismo, cola-se a tudo o que vem de cima, a tudo o que é oficial. Nos últimos anos, a ABCA (igual à velha crítica) só se tem reunido para apoiar e aplaudir as iniciativas palacianas, mesmo contra a vontade de seus associados. No entanto, esta crítica, tão ciosa de seus compromissos com o Governo, tem revelado sistematicamente um irrecuperável complexo de inferioridade ao não acreditar na vitalidade brasileira, na originalidade de algumas de suas proposições – do barroco ao movimento modernista, do concretismo ao tropicalismo – no talento indiscutível de muitos de seus artistas. Esta velha crítica que adere viscosamente a tudo que é iniciativa saída dos corredores ministeriais e que pretende decidir os destinos de nossa arte professa uma ideologia do pessimismo e da descrença, colocando em dúvida, a todo instante, a existência e uma arte com raízes brasileiras. Na verdade, ela não admite uma cultura brasileira.

NOSTÁLGICOS

Para a velha crítica, nenhum artista brasileiro, especialmente se residir no Brasil, é capaz de propor algo novo, vitalista, que possa servir de modelo para a arte internacional. Daí o êxodo de nossos melhores artistas para o exterior – na música popular, no cinema, nas artes plásticas. Para a velha crítica, o artista brasileiro está sempre a reboque, nossa arte é caudatária e subsidiária dos modelos europeus ou norte-americanos. Comodista, conformista, nostálgica e literária, a velha crítica continua apegada aos velhos instrumentos de análise, incapaz de renovação, preferindo assim falar da presença no Brasil de Boudins e Degas, revisar pastiches de Chagall e ou Leger, furtando-se, assim, àquilo que deveria ser sua verdadeira função: atuar como vitalizadora do processo artístico brasileiro. A velha crítica, tal como as instituições que ela defende energeticamente, impede que surjam novos valores, e se considera dona dos valores do passado. E mesmo aqui ela falha, porque o passado é dinâmico e só pode ser visto com os olhos do presente.

NÃO CONFIA

A velha crítica, autoritária e judicativa, fez da arte brasileira um feudo. Aliás, para ela, o Brasil não se renovou. Permanece rural, importador de produtos manufaturados. Ela vê o país com olhos ingênuos. Parece que só agora ela alcançou a Semana de Arte Moderna, pois de que outra maneira explicar, 50 anos depois, o prêmio dado a Di Cavalcanti? Os barões da velha crítica querem escravizar a arte brasileira a uma mentalidade colonial. Querem incutir no público brasileiro a ideia de que somos incapazes, de que não possuímos iniciativas. Em todas as épocas, os movimentos culturais e artísticos anteciparam as grandes transformações sociais e econômicas. Não há desenvolvimento sem ideologia e a arte sempre foi parte da consciência

de nação. O que está acontecendo hoje no Brasil é que o Governo tomou a liderança e está assumindo com arrojo a consciência de que somos uma grande nação e que temos um papel a cumprir no plano mundial. A velha crítica, entretanto, não confia. Descrê e tudo faz para impedir que o país se renove. Não sabe pensar em termos brasileiros, pois só vê soluções lá fora. Um país jovem que quer cumprir seu destino precisa de uma arte jovem. Uma nova arte exige uma nova crítica.

[*O Globo*, 11 fevereiro de 1972]

Roberto Pontual: ABCA é academia estéril

Acerca de entrevista concedida a essa coluna pelo crítico Antônio Bento, presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, e publicada a 2 do corrente, recebemos do crítico Roberto Pontual, um dos fundadores do Centro Brasileiro de Crítica de Arte (ao lado de Mario Barata, Frederico Moraes, Maria Eugênia Franco e Waldemar Cordeiro), o artigo que a seguir publicamos na íntegra, sem desejar fomentar polêmicas, mas tão somente com o intuito de possibilitar ao leitor de O GLOBO interessado em tais problemas o conhecimento dos dois aspectos da questão.

José Roberto Teixeira Leite

Em entrevista concedida recentemente a José Roberto Teixeira Leite, nesta coluna (edição de 2 de fevereiro último), Antônio Bento, na qualidade de presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, focaliza alguns aspectos da crise que acaba de cindir aquela associação no novo Centro Brasileiro de Críticos de Arte. Ainda que lamentando o tom ao mesmo tempo paternalista e insidiosamente acusatório da entrevista, não me parece caminho adequado a pura refutação de cada um dos tópicos em foco. É preciso levar o debate para o que realmente interessa: a situação da crise de arte, hoje, no Brasil e no mundo.

Críticos de arte abandonam Associação decepcionados e fundam sua nova entidade

Um grupo de críticos de arte liderados por Frederico de Moraes, rompeu com a Associação Brasileira de Críticos de Arte e fundou seu próprio centro, por não reconhecer na entidade a que pertenciam, "a dinâmica e o papel vitalizador necessários a um órgão do gênero, diante das novas propostas e manifestações artísticas surgidas ultimamente."

A decisão significa, segundo o manifesto divulgado durante as últimas eleições da Associação Brasileira de Críticos de Arte, "um compromisso com a atividade crítica posta em prática conforme as exigências específicas do momento atual." O novo Centro Brasileiro da Crítica de Arte passa a fazer parte, como membro dissidente, da Associação Internacional de Críticos de Arte.

Manifesto

O manifesto de rompimento e de decisão de fundação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte foi lançado depois de terem os críticos dissidentes tentado conseguir da ABCA uma eleição também, visando manter o atual presidente por um período temporário apenas, com vistas à colocação de um representante do grupo na direção do órgão, mais tarde.

O documento, assinado por Frederico Moraes, Maria Eugênia Franco, Maria Barata, Roberto Pontal e Waldemar Cordeiro, mas que posteriormente ganhou mais de 15 signatários é o seguinte:

"Nos últimos 20 anos, a ampliação da infraestrutura material na organização da atividade artística — museus, galerias, mostras internacionais, publicações, simpósios, escolas superiores e intercâmbio — possibilitou maior envolvimento da arte com os outros setores da vida e da ci-

ência. Dai o caráter operacional e indisciplinar da arte atual.

Esta problemática confere à crítica — entendida fundamentalmente como relacionamento e diálogo — uma nova dimensão, tornando-a responsável direta no processo da criação. A crítica atua assim no cerne da obra de arte ampliando e multiplicando seu significado.

Se por um lado, em suas manifestações mais recentes, a arte, fazendo uso de novos suportes, inclusive tecnológicos, se torna essencialmente uma arte-crítica, por outro lado, o crítico, abandonando o distanciamento anterior, que dava à sua atuação caráter judicativo e autoritário, passa a desenvolver efetivamente uma crítica-arte, dentro de condições da mais ampla diversificação de vetores de desenvolvimento. Inclusive teóricos. Criar e criticar constituem hoje um mesmo ato.

"Críticos de arte abandonam Associação decepcionados e fundam sua nova entidade." *Journal do Brasil*, 28 de janeiro de 1972

Foi um ponto de partida para esse debate que propusemos na última reunião da ABCA. O desligamento espontâneo de cinco de seus filiados — Mario Barata, Frederico Moraes, Maria Eugênia Franco, Waldemar Cordeiro e eu próprio — e a criação do novo Centro decorreram não de um propósito estreito e esterilmente contestatório como afirma Bento, mas da certeza de que o diálogo e o debate capazes de renovar e atualizar a nossa crítica não dispunha mais de campo aberto na academia, esta sim estéril, em que se transformou a associação. Tivemos contra nossa proposta de debate toda sorte de pequenos argumentos: não era hora de discutir, mas de votar, o mais rápido possível; não havia tempo e as pessoas tinham a

pressa de outros compromissos; a discussão não leva a nada, melhor suprimi-la.

No entanto, à custa de extremo esforço e contra obstrução que não era nossa, como nos acusa Bento, mas dele mesmo, enquanto presidente da ABCA e da sessão referida, conseguimos manter por longo tempo aceso o debate numa reunião que certamente terá sido das mais longas, calorosas, férteis e decisivas de toda a história da Associação. Estava-se comemorando o 20º aniversário de uma fundação e assim nós cinco o comemorávamos: com uma tentativa de dar sangue a seu corpo inerte e inútil, colocando-a bem no centro dos interesses e responsabilidades maiores que envolvem o exercício da crítica de arte no mundo de hoje. E resta um detalhe de primeira importância para a história dessa cisão: só nos desligamos da ABCA no momento em que o seu presidente, sempre tão cioso e exigente no cumprimento de estatutos, permitiu se iniciasse a última votação da noite exatamente quando um de nós, também com sua permissão, estava em plena formulação de uma proposta. Esse mesmo clima impositivo já se manifestara, na existência de cédulas mimeografadas (ou datilografadas, não me lembro bem e não importa) para a reeleição da diretoria, que todos os participantes da reunião encontraram no lugar à sua frente ao se sentarem e na maciça percentagem de votos por procuração já previamente coletados, capazes de por si só elegerem qualquer chapa.

O fato é que, deixando de lado a roupa suja, um novo núcleo de trabalho acaba de surgir, contestando, sim, o que há de marasmo, academismo, envelhecimento, rotina, alheamento, sonolência e desatualização na velha crítica (velhice aqui não é cronológica, mas psicológica). A nós agrada e entusiasmo que assim tenhamos agido no exato momento em que se vai comemorar o cinquen-

tenário da Semana de Arte Moderna de 1922 – porque sabemos o que aquele gesto, agora facilmente aceito e valorizado, significou na sua época como contestação da geleia geral da velhice sedimentada, rançosamente acadêmica no seu profundo desconhecimento da realidade brasileira e mundial de então. Não queremos comemorar o novo que ficou no passado ainda vivo como um presente velho; não queremos distribuir prêmios de excelência, como professores promulgando notas, mas propor trabalho, atividade, criatividade, presença, caminho, debate. Efervescência, como queriam os de 22 e como o nosso mundo de hoje continua, mais do que nunca, exigindo.

Por isso, assumimos um compromisso de trabalho no documento de fundação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte – que, diga-se de passagem, não pretende ser mais uma associação de críticos, preocupada com sua burocracia e seus comprometimentos, inutilizada por ausência de planos e propósitos concretos. Já temos pronto o arcabouço de um seminário a se realizar nos próximos meses, para a discussão de problemas que nos parecem básicos no setor de atividade, propondo sobretudo um levantamento prévio da situação da arte e da crítica no Brasil de agora. Queremos superar o círculo vicioso da atuação crítica restrita ao eixo Rio-São Paulo, partindo para o conhecimento amplo do que se propõe e se faz em núcleos até aqui abandonados, do extremo Norte ao extremo Oeste e ao extremo Sul; queremos ainda que se discutam despreconceituadamente as manifestações mais novas de arte e cultura no mundo inteiro, porque não temos medo de conhecer e sabemos que só terminam imitando a moda aquelas que se recusam a compreendê-la.

A problemática do mundo contemporâneo, no seu sistema de sucessivas ampliações e progressiva aproximação, confere à crítica – que se defi-

ne como relacionamento e diálogo – “uma nova dimensão, tornando-a responsável direta no processo da que se comprazem em obstruir reuniões de pessoas cheias de outros compromissos mais urgentes: nós gostamos de discutir, mas para chegar até qualquer coisa que represente realmente trabalho. Pretendemos prová-lo.

[O Globo, 18 de fevereiro de 1972]

Cisão da crítica: carta de Barata

Ainda a respeito de entrevista aqui estampada, há dias, sobre a cisão da Associação Brasileira de Críticos de Arte, com o nascimento do Centro Brasileiro de Crítica de Arte, recebemos a seguinte carta de nosso colega e amigo Mario Barata:

Prezado colega J. R. Teixeira Leite, Redator de O GLOBO: o fato da seção de artes plásticas de O GLOBO, de 2 do corrente, ter publicado longa entrevista sobre a cisão da ABCA mencionando nominalmente colegas e dando versão de fatos internos de uma reunião, leva-me a fazer uma breve *mis-au-point*, em atenção aos leitores desse vespertino. No documento de dissidência da ABCA e fundação do Centro Brasileiro de Crítica de Arte evitamos, todos os companheiros, alusões a pessoas e queixas sobre fatos internos. O fato, reconhecido por Antônio Bento, em sua entrevista, de haver entre os dissidentes “sócio veteranos e um que até foi um dos fundadores do concretismo no Brasil, há cerca de vinte anos” deveria logo esclarecer-lhe que não se tratava de um capricho, mas de uma atitude séria a que também veteranos fomos levados. Mesmo hoje evitarei aqui retaliações pessoais e acusações internas. Os que acompanham de perto a vida da Associação conhecem os fatos, que aliás não são de muita importância. No plano mais geral, devo estranhar que meu amigo Antônio Bento não guarde memória fidedigna da

assembleia havida, na qual não ocorreu tumulto, nem ninguém propôs a mudança da ABCA para São Paulo. Não compreendo também que ele duvide que os dissidentes conheçam as últimas modalidades da crítica, “sejam de caráter sociológico, associados à informática ou à ciência prospectiva” e que haja afirmado serem “a Pop, a arte conceitual e a povera projeções acadêmicas do Dada”, numa sua frase que incluía até a arte tecnológica. Meu colega Bento reconhece que eu propus nosso confrade Walter Zanini, aliás por escrito, para ser crítico premiado, baseando-me, explicitamente, nos dois grandes trabalhos que ele publicou em 1971 e atendo-me, nessa fundamentação, ao espírito e letra da premiação prevista e ao sentido de justiça que esta requereria. Não revela porém que eu disse que, tendo aparecido várias candidaturas e surgindo mais motivos de desunião do que de união entre os colegas, eu passava a considerar contraproducente a ideia do Prêmio para Críticos. Essa minha evolução foi dotada de vitalidade, e só me honra. Acusação injustíssima, que me admira ter sido feita por velho companheiro, é a que Bento faz de que os dissidente queriam “dar um golpe”. Não desejávamos fazê-lo, não tínhamos chapas feitas para a eleição, nem procurações, nem cabalas, nem quaisquer preparos subterrâneos. O que queríamos era que se ajustasse e harmonizasse grande número de críticos, incluindo novas tendências e valorização a especialização. A nossa alternativa não era o golpe, tão desatenciosamente sugerido na entrevista, mas sair da ABCA, como aliás fizemos. Agradecido pela publicação. Assinado Mario Barata.

[O *Globo*, 18 de fevereiro de 1972]

Receitas de D. Benta

Frederico Moraes

Criador de um dos primeiros grupos de vanguarda do país, o “Ruptura”, de São Paulo, em 1952,

integrante do Concretismo, do qual partiu para o “Popcreto”, crítico de arte e organizador de manifestações, simpósios e exposições de arte (entre outras, “Propostas” e, recentemente, “Arteônica”), Waldemar Cordeiro fala a esta coluna sobre a situação atual da arte e da crítica de arte no Brasil.

Genericamente falando, a situação da arte brasileira se caracteriza pelo imobilismo e pela degradação do sistema-arte, que inclui a crítica.

O PAPEL DA CRÍTICA

Quais as iniciativas que poderiam melhorar a situação?

Do ponto de vista da crítica de arte, importância ponderável poderia ter a coordenação dinâmica dos trabalhos dos críticos atuantes e do espírito crítico inerente à comunicação por imagens, em todos os níveis e campos. No plano nacional, precisamos aprender a trabalhar em equipe e de maneira integrada. O aparecimento de novas condições de possibilidades para a atividade crítica facultaria, a cada um de nós, expor e defender com maior eficácia as convicções individuais. O desenvolvimento do espírito crítico não deixaria de alimentar as programações das entidades, hoje acomodadas na rotina alienante. As experiências, no plano operativo, forneceriam o *feedback* necessário ao aprimoramento dos trabalhos teóricos. Parece-me evidente que a coordenação das atividades críticas deveria ser elevada à escala internacional, facilitando a inserção da crítica brasileira no diálogo universal, ao nível das ideias e não dos conchavos pessoais.

Dentro dessa ordem de ideias, qual seria o papel da CBCA?

Na minha opinião, o papel fundamental do Centro Brasileiro de Crítica de Arte é o de implantar essa coordenação. Mais do que uma entidade de

tipo corporativístico e representativo (que substitui a opinião dos associados pela de uma minoria ativa e maliciosa, que empolga por procuração os cargos de diretoria), o CBCA deveria ser um polo de irradiação, orientado por todos os que queiram participar de uma arte nova.

CONTESTAÇÃO

Esse trabalho poderia ter sido realizado dentro da Associação Brasileira de Críticos de Arte?

Fomos à Assembleia da ABCA imbuídos das melhores intenções, oferecendo programas e trabalho. No decorrer dos debates, no entanto, ficou evidente que seria mais simples criar um organismo “ex-novo” do que transformar os hábitos acadêmicos da ABCA. A nossa foi uma solução econômica, que permitiria uma atuação imediata, sem perda de tempo, na tentativa de transformar a mentalidade misonéista de uma maioria votante e de seu presidente. Acho que os outros colegas nos compreenderam: estamos na nossa.

VANGUARDA

Waldemar Cordeiro reside em São Paulo, onde atua simultaneamente como crítico, artista e técnico em planejamento urbano e paisagístico. Como artista, tem trabalhado, especialmente com computadores (o último livro de Abraham Moles chegado ao Brasil, *Art et Ordinateur*, reproduz quatro trabalhos de sua autoria). Em seu escritório de planejamento já realizou projetos para várias cidades brasileiras (Campinas, Fortaleza, Belo Horizonte, etc.). Como crítico e como artista, portanto, tem assumido, desde longa data, uma posição de vanguarda. É por isso que Cordeiro refuta o “aspecto contestatório” da cisão havida na Associação Brasileira de Críticos de Arte. O rompimento visou unicamente caracterizar a atuação acadêmica e arcaizante da crítica.

O texto da nossa declaração inicial – afirma Cordeiro –, embora redigido sob o impacto de uma enérgica reação contra manobras mistificantes, é isento de animosidades. É uma proposta construtiva, que não desce à retaliação pessoal. Quando o sr. Antônio Bento (2/2/1972) considera o nosso movimento como uma manifestação de contestação contra ele, está se supervalorizando. Os críticos que integram o CBCA possuem um vasto cabedal de realizações e não teria sentido contestar contra quem tem currículo bem mais modesto e menor poder de atuação. Não estamos na oposição de quem não tem posição para ser contestada. Contestatório, em última análise, é o próprio sr. Antônio Bento, que nega toda a arte brasileira contemporânea: “A vanguarda brasileira é sempre importada do Velho Mundo e dos Estados Unidos”. Sei de velha data que o sr. Antônio Bento conhece patavina das vanguardas europeia e norte-americana e da brasileira. Limita-se a armar as codificações de conjunto, como meras receitas de D. Benta. Pessimismo de conveniência, esse do velho sr. Bento. De resto, à noite, todos os gatos são pardos”.

[*O Globo*, 22 de fevereiro de 1972]

A demagógica dissidência

José Roberto Teixeira Leite

Como essa coluna parece ter-se transformado na tribuna de debates em torno da cisão ocorrida na Associação Brasileira de Críticos de Arte, com o nascimento do Centro Brasileiro de Crítica de Arte, publicamos hoje o depoimento do crítico Waldir Ayala, do *Jornal do Brasil*, a exemplo do que já fizemos com textos anteriores de Antônio Bento, Roberto Pontual e Mario Barata.

“Num gesto notadamente operístico, um pequeno grupo da Associação Brasileira de Críticos de

Arte desligou-se para fundar uma nova associação, denominada Centro Brasileiro de Críticos de Arte. Alegaram os dissidentes a impossibilidade de diálogo interno e ineficácia externa da ABCA. Colocaram-se ostensivamente numa posição de repúdio à crítica judicativa, aos prêmios, à Bienal de São Paulo, à própria ABCA e outros anacronismos, esquecidos de que, fundando uma nova associação, perpetuavam os mesmos anacronismos – sob outra pelagem e com as mesmas limitações. Isto faz lembrar certos críticos que estão contra os museus e se empregam num museu, ou que propalam a morte da arte e abominam prêmios, para depois aflitivamente exercitarem pruridos artísticos, candidatando-se a salões e abiscoitando prêmios em dinheiro. Outros ainda que não recusam participar de qualquer júri e, quando são chamados, se declaram contrários ao trabalho dos júris, assumindo falsos cacoetes de quixotescos vanguardistas.

Os dissidentes, reunidos graças ao esforço e prestígio da atual diretoria da Associação Brasileira de Críticos de Arte, que organizou a Semana da Crítica e obteve facilidades de passagens e estada para os associados dos Estados, foram chamados à Assembleia especialmente para votar o Prêmio da Crítica e a Diretoria a vigorar no próximo biênio. Na hora da votação, os dissidentes exigiram um prazo de debate em torno dos atos regulamentarmente programados e, mesmo diante da impraticabilidade desta atitude, tiveram três horas para blá-blá-blá, sem qualquer progresso no esclarecimento das ideias apaixonadamente lançadas. Na verdade, a intenção era tumultuar. E o tumulto se originava no núcleo de um grupo que não aceitava a derrota democrática de seus candidatos, tanto no prêmio da crítica como na votação da nova diretoria. Perdidos e inconformados, empenharam-se em impedir a votação, no

que encontraram a resistência da maioria reunida para cumprir a pauta estabelecida e divulgada pela ABCA três meses antes. Este prazo de três meses era legal e suficiente para a formulação de todas as justificáveis propostas dos críticos amotinados. As ponderações do presidente Antônio Bento, sobre a necessidade de cumprir a pauta da Assembleia, tranquilas e apoiadas na lei, não encontraram eco e a grande ária ecoou no recinto, terminando com o toque de retirada. Aceito tranquilamente o pedido de renúncia, quer-nos parecer que o tiro lhes saiu pela culatra.

Em poucas horas, a nova associação já tinha manifesto, com intenções históricas, propondo um compromisso, já muito batido, de uma crítica menos judicativa e mais criativa, assunto aliás teorizado amplamente em minha coluna no JB num conceitual de arte crítica assinado por Anna Bella Geiger e Paulo Guilherme Sami, em princípio de 1971. O ato posterior dos fundadores da nova associação foi de convidar críticos ainda não aderentes ao movimento a passarem de um lado para outro. No nosso caso, recusamos, simplesmente porque a passagem não modificaria em nada a realidade, e não nos seduz trocar o certo pelo duvidoso.

Como acertadamente declarou o crítico Antônio Bento, presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte, esta dissidência revela também a vitalidade da crítica. Vamos mais longe: esta dissidência denuncia a crise política, paralela à crise de arte e esta crise atingirá, queiram ou não, a gregos e troianos. A fundação de uma subassociação não resolve o problema nem de uma nem de outra. Ambas associações carecem de recursos para realizar grandes movimentos, a crítica é mal remunerada, o tempo é pouco e precioso, os interesses num debate sobre crítica são reduzidos. Urge neste momento, em que a opinião pública

estranha e reage negativamente em relação aos desentendimentos dos críticos, que as associações as duas existentes e demais filhotes que venham a perfilar em novas dissidências mirabolantes, e mesmo cada crítico independente, no personalismo de sua autoassociação, se empenhem na participação eficaz com o processo dinâmico da crise, assumam com o artista o compromisso de revitalização da criatividade e proponham uma ação cultural construtiva. Neste esquema, a Associação Brasileira de Críticos de Arte se coloca tranquila, e certa de poder cumprir o seu dever, instigada agora pelo espírito pródigo e generoso da competição”.

[O *Globo*, 23 de fevereiro de 1972]

Uma entrevista que ninguém pediu

José Roberto Teixeira Leite

Acerca – AINDA! – da recente cisão da crítica de arte brasileira, ora dividida em duas entidades – a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e o Centro Brasileiro de Crítica de Arte (CBCA), há pouco fundado – estampamos, a 2 do corrente, uma entrevista em que o crítico Antônio Bento expunha seu pensamento. Tal entrevista motivaria, posteriormente, a publicação de novos artigos, cartas e depoimentos, assinados por Roberto Pontual, Mario Barata e Walmir Ayala, os dois primeiros contestando, o último apoiando afirmativas do presidente da ABCA. Vê-se, por conseguinte, que expusemos à apreciação dos leitores – e seria fácil deixar de o fazer – ambos os lados do problema, não apenas o ponto de vista da ABCA, à qual pertencemos, como igualmente e com igual destaque o dos colegas que preferiram criar nova entidade. Não nos venha mais tarde dizer que agimos “antidemocraticamente”, “fugindo ao diálogo” e outras baboseiras.

Agora, porém, recebemos – sem que nada tivéssemos, aliás, solicitado – uma hipotética entrevista, toda ela estruturada em imaginárias perguntas preconcebidas para desencadearem bem engatilhadas respostas, em que o crítico de São Paulo, Waldemar Cordeiro, dá sua opinião sobre a arte e a crítica de arte brasileiras, traça o caminho do CBCA (de que é fundador) e repete, para variar, as mesmíssimas críticas já formuladas por seus colegas Pontual e Barata à ABCA. Ainda assim, decerto publicaríamos, “hélas”, também esse seu depoimento, não tivesse ele enxertado de destaque e ironias pessoais ao presidente da ABCA: afinal, até o momento o debate entre ABCA e CBCA vinha-se mantendo em nível elevado, e a divulgação dos conceitos pouco inspirados do sr. WC iria rebaixá-lo a grau incompatível com os altos propósitos que, julgamos, inspiram-nos a todos quando nos empenhamos nessa troca de ideias.

Que nos mande ideias, ainda que contrárias às nossas, e as publicaremos com prazer; mas despeitos, picuinhas e gracejos de duvidoso gosto, investidas mal-humoradas e humores mais ou menos cáusticos de quem nunca teve graça nenhuma, esses, positivamente, relegaremos ao próprio WC.

NOTAS

* Os textos aqui reproduzidos fazem parte do Acervo Frederico Morais.

1 *Cronologia das artes plásticas no Rio de Janeiro: 1816-1994*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995:320.

2 Introdução. *Malasartes*, Rio de Janeiro, n.1, set.-out.-nov. 1975.